

IGREJA VIVA

QUINTA-FEIRA • 12 DE FEVEREIRO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30583 de 12 de Fevereiro de 2015, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

REPORTAGEM

LENCOS DOS NAMORADOS

UM ELO ENTRE TRADIÇÃO
E MODERNIDADE

PEDOFILIA, CLERICALISMO E RESPONSABILIDADES



PAULO TERROSO

PADRE

A história encarregar-se-á de render a devida homenagem àquele que será conhecido como um dos maiores mestres e pontífices do séc. XXI. Refiro-me ao Papa Emérito Bento XVI. E, ao contrário do que é comumente dito e assumido, o combate contra a pedofilia na Igreja tem a sua marca, senão mesmo um pioneiro. Neste particular, creio mesmo que Bento XVI conjugou magistral e prudencialmente firmeza, descrição, justiça e misericórdia.

Ao longo do seu pontificado, apenas 8 anos (2005-2013), o papa alemão demitiu 80 bispos com responsabilidades nos casos de pedofilia. Como afirmou em 2013 D. José Aparecido Gonçalves de Almeida, actual bispo auxiliar de Brasília, mas na altura das declarações

à Renascença sub-secretário do Conselho Pontifício para os Textos legislativos, Bento XVI iniciou uma “limpeza com dados concretos”. “Não creio que haja na história da Igreja um Papa que tenha demitido 80 bispos que foram negligentes no governo destes casos”, declarou.

Importa trazer à memória estes dados numa altura em que a Comissão de peritos para a protecção de menores

é presidida pelo cardeal Sean Patrick O'Malley, arcebispo de Boston, e com a particularidade de dois dos seus membros, Mary Collins e Peter Saunders, terem sido vítimas de abusos sexuais, insistiu na importância dos superiores de comunidades religiosas e bispos serem responsabilizados quando negligenciaram e/ou encobriram estes casos. Mary Collins e Peter Saunders, irlandesa e inglês

concretamente da parte dos bispos. Para a Comissão não basta o cuidado pastoral às vítimas e familiares, investir em educação, ter linhas orientadores sobre boas práticas, formar sacerdotes e religiosos. O que a Comissão pede é que a culpa não morra solteira e que quem se viu implicado, directa ou indirectamente, nestes casos seja responsabilizado.

Quem parece advogar esta linha é O'Malley, que preside à Comissão. Sábado passado, na conferência de imprensa tida na Sala Stampa, o arcebispo de Boston disse que “tinha de haver consequências” para os bispos que não respondam de modo apropriado às acusações de abusos sexuais. Está agora nas mãos do Papa assumir ou não estes pedidos da Comissão.

Não tenhamos dúvidas, uma decisão do Papa neste sentido vai mudar radicalmente não só a abordagem dos bispos a estes casos, o que é inevitável, mas, sobretudo, será uma machadada necessária a um dos sintomas mais agudos do clericalismo que o escândalo de abusos sexuais pôs a nu: um elitismo clerical fruto de uma concepção, que se achava ultrapassada, de superioridade do sacerdócio sobre os leigos.

A frase lapidar de Santo Agostinho “Sou bispo para vós, sou cristão convosco”, proferida no séc. V, assume por estes dias uma actualidade desconcertante.



na Igreja, constituída a Dezembro de 2013 pelo Papa Francisco, vem reclamar uma assunção de responsabilidades da parte dos vértices da Igreja. Reunida no Vaticano de 6 a 8 de Fevereiro, a Comissão constituída por 17 membros

respectivamente, ameaçaram mesmo abandonar a Comissão caso nos próximos dois anos não vier a ser tomada nenhuma posição que clarifique a assunção de responsabilidades por parte dos membros da Igreja. Muito



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

03 Fevereiro 2015

Somos todos pecadores. Todos somos chamados a uma conversão do coração.

06 Fevereiro 2015

Acreditar não significa estar livre de momentos difíceis, mas ter a força para os enfrentar sabendo que não estamos sozinhos.

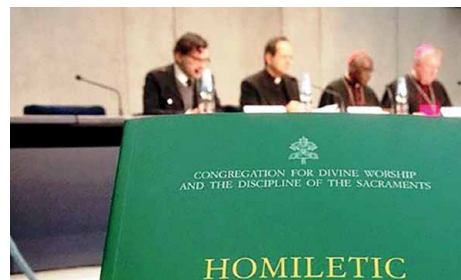
08 Fevereiro 2015

Jesus não é um personagem do passado: Ele continua sempre a iluminar o caminho do homem.



D. MANUEL CLEMENTE CRIADO CARDEAL NO PRÓXIMO SÁBADO

O patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, vai tornar-se no próximo Sábado, 14 de Fevereiro, no quarto cardeal português do século XXI e o primeiro a ser designado no actual pontificado. D. Manuel Clemente, de 66 anos, foi nomeado patriarca de Lisboa pelo Papa Francisco a 18 de Maio de 2013, após a resignação do cardeal D. José Policarpo. O futuro cardeal patriarca de Lisboa integra uma lista de novos cardeais eleitores oriundos de 14 países diferentes. D. Manuel Clemente foi o vencedor do Prémio Pessoa 2009.



NOVO DIRECTÓRIO HOMILÉTICO QUER EVITAR IMPROVISOS

A Congregação do Culto Divino e da Disciplina dos Sacramentos (CCDDS), apresentou no passado dia 10 um novo directório para ajudar sacerdotes e seminaristas a prepararem as homilias, pedindo ao mesmo tempo que a improvisação seja evitada. O directório homilético pretende fornecer um conjunto de “linhas mestras” que ajudem à construção das mensagens. O documento recomenda que a homilia seja preparada com estudo, não seja demasiado longa e se mostre atenta à actualidade e à vida da comunidade em que é pronunciada.



PAPA REAFIRMA PREOCUPAÇÕES COM O AMBIENTE

O Papa defende que as preocupações ecológicas e a defesa do ambiente são uma “responsabilidade dos cristãos”. A próxima encíclica será mesmo dedicada ao tema. De acordo com o Santo Padre, um cristão que não se preocupa com o ambiente é alguém a quem o trabalho de Deus não interessa, já que o ambiente constitui a primeira criação de Deus. Também uma segunda criação, que implica que cada pessoa se deixe “reconciliar com Deus”, através de Jesus Cristo, no seu interior e na comunidade, foi apontada por Francisco.

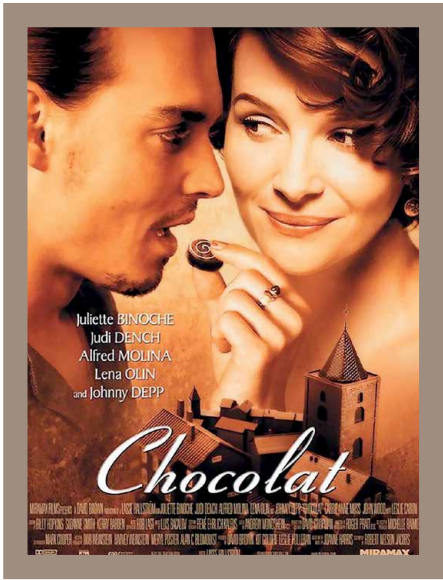
CINEMA NA
QUARESMA (1)



MIGUEL MIRANDA

PADRE

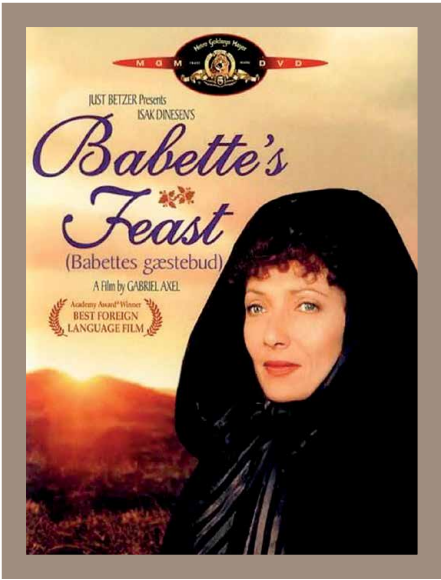
Aproximando-se a Quaresma, este artigo – e o próximo – versam sobre algumas propostas da sétima arte para aprofundar a espiritualidade de um tempo litúrgico de carácter vincadamente penitencial. Não são, *strictu sensu*, filmes “religiosos” – embora a Paixão de Jesus, tal como no-la apresentam os Evangelhos de João e Mateus, fundamente dois deles. São histórias de conversão e reconciliação. Se nunca os viste, por que não descobri-los agora? Se já os viste, aproveita para os revisitar a esta luz. Tal reportório serviu de base aos ciclos de cinema “Rolaram a pedra... Das trevas à luz”, organizados pela Quaresma nas paróquias de São Sebastião, Guimarães (2009), Rio Covo Santa Eugénia, Barcelos (2010) e São Bento da Várzea, Barcelos (2012).



CHOCOLATE
(LASSE HALLSTRÖM, 2000)

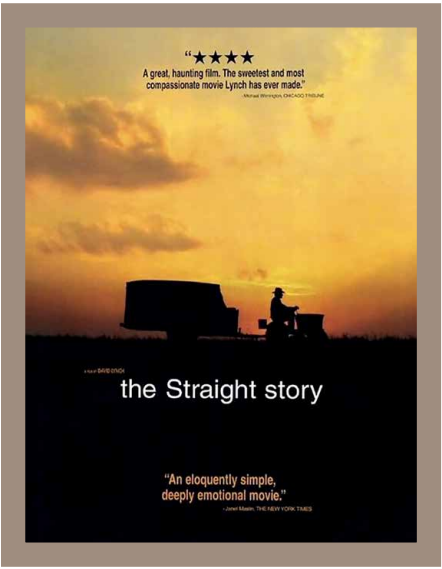
Baseado no romance homónimo e *best seller* de Joanne Harris, é servido por um elenco de excelência,

onde avultam Juliette Binoche, Johnny Depp, Alfred Molina, Carrie-Anne Moss, Judi Dench e Lena Olin. Ambientado na França rural, apresenta-nos uma como que fábula moral percorrida (em tempo de Quaresma) pelo tom do arrependimento, quando estilos de vida e convicções aparentemente contrários se tocam. “Chocolate” não deixa de nos oferecer uma espécie de estudo da intolerância. Um filme de leitura fácil e narrativa bem cozinhada.



A FESTA DE BABETTE
(GABRIEL AXEL, 1987)

Já este pia bem mais fino, mais não seja pela simbólica que lhe está associada. Vem do frio da Escandinávia (Dinamarca) e, já depois de levantar o público das cadeiras em Cannes, chegou a receber o Oscar para o Melhor Filme em Língua Estrangeira. É o grande opus de Axel, que nem antes nem depois dirigiu coisa semelhante. Novamente o péssimo acolhimento dispensado a quem vem de fora – no caso a própria da Babette (magnífica interpretação de Stéphane Audran) – para dentro de uma comunidade protestante ultra conservadora. Aqui já não são os chocolates de Vianne, mas as iguarias de Babette, a selar a reconciliação. O banquete em memória do pastor falecido alude claramente à Última Ceia: são 12 os comensais; Babette é uma figura cristalinamente cristológica: não vem para ser servida mas para servir; o prato principal do repasto, “codorna no sarcófago”, alude explicitamente às palavras de Jesus no Discurso do Pão Vivo em Jo 6: “E o Pão que eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo” (v.51).



UMA HISTÓRIA SIMPLES
(DAVID LYNCH, 1999)

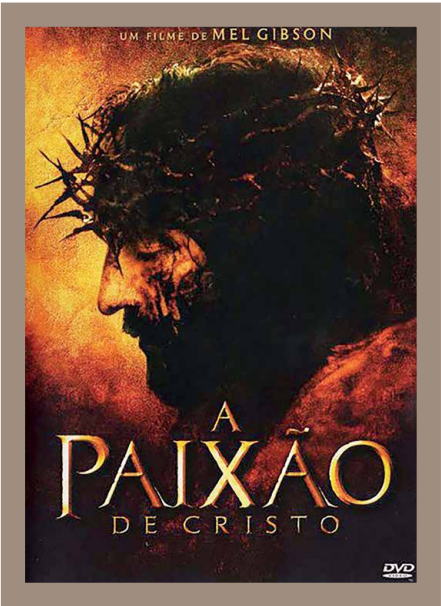
O objecto mais linear na filmografia de Lynch, com o saudoso Richard Farnsworth na pele de Alvin Straight (à letra: simples, recto), um “sénior” que, já quase cego, e sentindo aproximar-se o fim, percorre centenas de quilómetros ao volante do seu corta-relva para ir ao encontro do irmão, de cujo sensível estado de saúde ficara a saber e com quem há muitos anos se incompatibilizara. Simples? Sim, se ligarmos o “descomplicador”. Neste belo filme, a própria paisagem abandona a mera condição de cenário para se converter em personagem e testemunha da viagem de Straight – viagem em linha recta, a direito, ao ritmo da teimosia do velho em chegar a dizer as palavras que nunca foram ditas.



“A ÚLTIMA CAMINHADA”
(TIM ROBBINS, 1995):

“Baseado numa história verídica”. Este apontamento sugere frequentemente filmes “de fugir”.

Não neste caso. Partindo do livro da Irmã Helen Prejean, o realizador proporciona-nos um edificante “confessional” com os grandes Sean Penn e Susan Sarandon, ela Oscar de Melhor Actriz Principal por este filme. Uma religiosa aceita assistir espiritualmente um condenado à morte nos seus últimos momentos. A relação é difícil – Mathew, revoltado, tarda a assumir a responsabilidade pelos actos cometidos, numa atitude que lhe rouba a paz. Mas o tempo vai sarando as feridas, à medida que a religiosa consegue conquistar a confiança do condenado. Uma meditação sobre a morte e as consequências devastadoras que dela resultam para os que ficam. Sobre o arrependimento e o perdão.



“A PAIXÃO DE CRISTO”
(MEL GIBSON, 2004)

Muito se escreveu na altura sobre este filme, que se pretendeu reduzir a um arrazoado de violência gráfica e alegados fenómenos sobrenaturais ocorridos durante as filmagens. Gibson partiu de diversas fontes (não só o Evangelho de João como os escritos de Catarina Emmerich) e quis ser autêntico ao ponto de usar o latim, o hebraico e o aramaico. Ficaram na retina as interpretações de James Caviezel, Maia Morgenstern e Monica Bellucci. A mim ficou-me sobretudo uma imagem, que reputo digna de figurar em qualquer antologia do cinema que se preze: a gota de água (lágrima do Pai) que cai do céu para abrir a tempestade que rasga o véu do templo. “E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30).

Continua

Lenços dos Namorados

TEXTO: DACS FOTOS: DACS

As agulhas dançam nos alvos panos de linho. Sentadas a uma mesa redonda, no espaço “Namorar Portugal”, estão seis bordadeiras. Depressa os panos se enchem de um colorido imenso. Predomina o vermelho, o preto, o azul e o amarelo. Os olhos já não precisam sequer de acompanhar os dedos, hábeis à força da experiência. À nossa frente nascem Lenços dos Namorados, pelas mãos das bordadeiras da Aliança Artesanal, situada em Vila Verde.

A ALIANÇA ARTESANAL

A Aliança Artesanal é uma Cooperativa de Interesse Público e Responsabilidade Lda. com cerca de cem associados. Foi criada com o objectivo de apoiar as iniciativas de artesãos individuais, dos centros ou cooperativas de artesanato, criar condições para apoiar o aumento do rendimento familiar ou criação de novos postos de trabalho e comercializar no país ou para exportação o artesanato de qualidade. Nasceu em 1988, essencialmente por vontade de algumas mulheres que tiveram a vontade de promover, pesquisar e encontrar no lenço dos namorados todo o património que ele encerra. Quem o diz é Júlia Fernandes, presidente da direcção da Aliança

Artesanal. “Foi através deste trabalho de investigação e de procura que fomos encontrando ainda nas arcas e nos baús das nossas avós e bisavós todo este património que estava guardado. A partir daqui começámos com este trabalho de valorização e promoção do artesanato, sobretudo dos lenços dos namorados”, afirma, sorridente, sem disfarçar o orgulho pelo trabalho que ali se faz.

Hoje em dia, a Aliança não comercializa apenas Lenços dos Namorados mas também peças contemporâneas inspiradas nas quadras de amor bordadas. “Cada vez mais são procurados elementos da nossa tradição juntamente com a sua aplicabilidade em elementos mais contemporâneos. Os lenços dos namorados prestam-se a essa utilização em elementos de decoração, em elementos de vestuário e moda, de têxteis lar... Haja criatividade, haja inovação!”, sorri Júlia. À sua volta vemos bolsas, sapatos, joalharia, serviços de loiça, postais. Tudo inspirado nos Lenços dos Namorados. O colorido é imenso e as quadras – muitas sem rimas e com erros ortográficos – abundam. “Os lenços são esta ligação ideal entre a tradição e a modernidade”, sublinha a Presidente.

Ao pé de nós, um guarda-chuva jaz perto da montra. À primeira vista poderia parecer um guarda-chuva “normal”. Mas quando nos aproximamos, as palavras “amor” e “amizade”, cuidadosamente alinhavadas, saltam à vista. Depois da Aliança Artesanal, surgiu a marca Namorar Portugal, com loja situada no coração de Vila Verde. É lá que estamos e que vemos todos os produtos descritos. A internacionalização e exportação têm sido uma aposta forte e frequente. A Aliança cresceu e, com ela, o número de vendas e artefactos comercializados. Júlia explica alegremente que a página oficial da marca, que ainda não fez um ano, conta já com mais de um milhão de visualizações, muitas delas a partir de países estrangeiros. França, Estados Unidos, Alemanha e Itália destacam-se no topo da lista como os maiores compradores online.

“É um enorme potencial para a marca porque vemos pessoas não só na Europa, mas também do outro lado do Atlântico, a aceder constantemente e a fazer as suas compras, o que é um bom indicador tendo em conta o potencial que a marca tem”, explica a Presidente.

E se a princípio foi a Aliança a procurar parceiros para divulgar o artesanato local, agora sucede precisamente o contrário. “Já contamos com 24 parceiros, 24 empresas e artesãos que estão connosco nesta marca. Há empresas que mantêm na mesma o seu nome e a sua identidade mas querem colecções especiais dentro da marca, inspiradas sempre nos Lenços dos Namorados”, continua Júlia. No futuro, a Aliança quer continuar a divulgar o património cultural que considera ser o seu ex libris. “É aquilo que realmente nos orgulha nesta nossa cultura popular. Ninguém fica indiferente aos lenços. Acreditamos que a marca tem potencial para através do amor conquistar todos os mercados”, conclui.

A HISTÓRIA DOS LENÇOS

Difícilmente haverá em Portugal alguém que não saiba o que é um Lenço dos Namorados. Mas será que



conhecem as histórias que levaram ao nascimento destas obras tipicamente minhotas?

“Os lenços dos namorados têm uma história fantástica”, diz Júlia Fernandes. “Acima de tudo constituem histórias de amor, histórias muito queridas que gostamos de conhecer e de valorizar”, continua a Presidente.

No final do século XVIII, inícios do século XIX, eram frequentes as romarias.

amor podia não ser correspondido, pelo que o jovem devolvia o lenço e a menina regressava a casa, chorosa pela paixão não ter tido o fim que ambicionava. Na época, a emigração para o Brasil também era frequente. E muitos foram os lenços bordados direccionados àqueles

que não tinham outra hipótese senão atravessar o oceano e rumar às terras quentes. Estima-se que ainda hoje, em muitas arcas e baús, se encontrem no Brasil vários exemplares dos Lenços dos Namorados, oferecidos aquando da emigração.

UM TRABALHO
DE MINÚCIA E AMOR

Homens e mulheres encontravam-se e dançavam noite dentro ao som das concertinas. Era frequente as relações amorosas começarem nesses locais. De forma discreta, calma, sem pressas. As jovens em idade “casadoira” suspiravam por essas noites durante dias a fio. Sentadas à lareira, com a família sempre a acompanhar o processo, bordavam as lindas quadras de amor nos seus lenços. Na noite de romaria, entregavam o lenço ao amado, com as palavras cravadas com o palpitar do coração e o engenho da agulha. Se o homem correspondesse ao sentimento, usava o lenço ao peito, aos ombros ou até num cajado que era comum trazer. E assim começava um namoro, uma história de amor. Eram mais frequentes as histórias com final feliz, já que na altura o amor se assumia através de uma troca de olhares prévia, em atitudes muitas vezes dissimuladas. O lenço limitava-se a selar o compromisso e o início de namoro. Mas também as decepções aconteciam: o

Pela altura em que surgiram os Lenços dos Namorados, a maioria das mulheres não frequentava a escola. As habilidades que lhes eram destinadas eram outras: bordar, tratar da casa, dos filhos. Por isso, raras eram as que sabiam ler e escrever adequadamente. Para bordar os lenços, muitas apoiavam-

se nas poucas que possuíam conhecimentos de literacia, trocando informações que posteriormente crivavam nos lenços. Muitas das quadras apresentavam, não poucas vezes, erros ortográficos ou marcas de oralidade, como a troca do “v” pelo “b”, tão comum na região Norte de Portugal. “Estas marcas são também uma forma de promover os nossos lenços. Fazemos questão de as manter porque era a forma como falavam e escreviam as senhoras não muito escolarizadas do povo da época, quando os lenços estavam, de facto, muito em voga”, explica Júlia Fernandes.

“Nosso amor ade acabar cuando esta pomba boar” é um dos muitos exemplos referidos. Pela altura, também a religiosidade do povo e a sua ligação com a Igreja eram muito fortes. O matrimónio era encarado como a expressão máxima do Amor e um sacramento santíssimo. Daí serem muitos os lenços com motivos religiosos, sobretudo em lenços de ponto cruz, realizados por jovens oriundas de famílias senhoriais, com poder económico mais elevado. A cruz, o cibório e a custódia eram motivos imensamente utilizados e que demonstravam o respeito pelos

sacerdotes, pela Igreja e pelo casamento.

Neste momento, a tempo inteiro, há seis bordadeiras na Aliança Artesanal, mas a cooperativa tem mais de uma centena de outras associadas que conciliam vida familiar e profissional, fazendo do bordar uma mais-valia para o orçamento familiar. São mulheres que estão em casa a tomar conta dos filhos ou de outros familiares e que conseguem trabalhar com a Aliança nesta perspectiva de cooperação, mediante o tempo que têm disponível.

O tempo de execução dos exemplares varia muito. Uma miniatura, por exemplo, pode ser feita num dia. Há lenços que precisam de uma semana e há lenços que precisam de mais de um mês. Tudo depende da complexidade do lenço e dos pontos que são feitos. Um lenço de bainha aberta normalmente é feito por duas bordadeiras: uma que borda, outra que faz a as bainhas. Depois há também determinados pontos específicos como os pontos de cruz e os pontos de crivo, não dominados por toda a gente e que muitas vezes exigem o trabalho conjunto de várias bordadeiras. “Dependendo dessa complexidade na quantidade de pontos que o lenço tem, podem ser precisas mais mulheres no trabalho, já que é um trabalho manual, de muitas horas, de muita minúcia, de muito pormenor, de muita habilidade”, remata a Presidente da Aliança.

Júlia diz-nos que há um ingrediente essencial à realização dos lenços: o amor. É ele que permite tantas horas dedicadas aos pormenores e ao dançar da linha no pano. “Sem amor, não fazia sentido bordar lenços que constituem um hino ao sentimento”, conclui Júlia.



VEJA OS MELHORES MOMENTOS
DA REPORTAGEM EM
www.igrejaviva.diariodominho.pt
www.youtube.com/diocesebraga

VI DOMINGO COMUM B

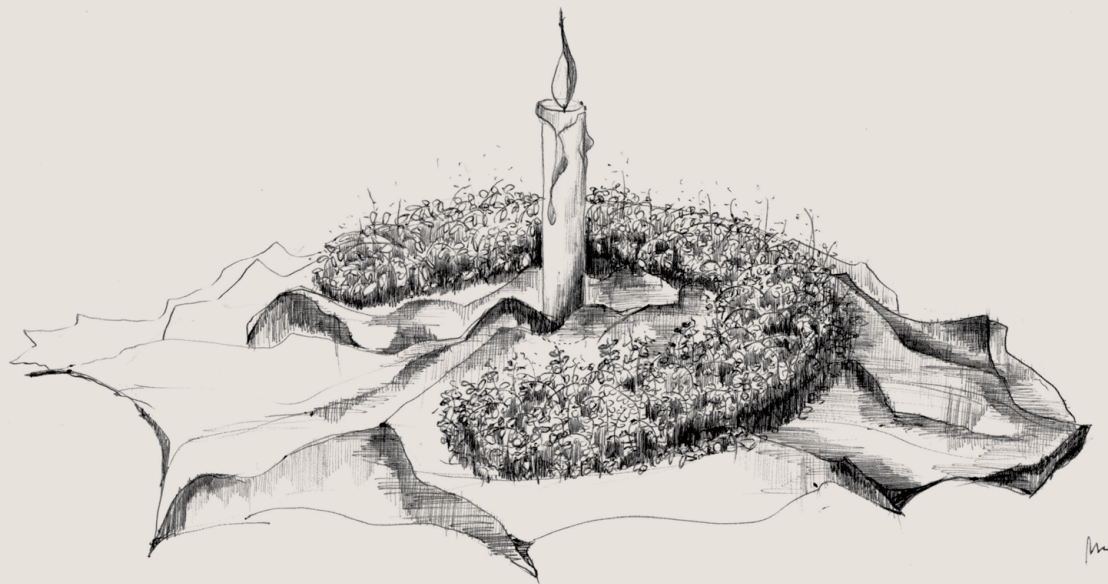


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

TEMA

**“E VINHAM TER
COM ELE DE TODA
A PARTE!”**

ATITUDE DE VIDA

Tendo em conta o mote “e vinham ter com Ele de toda a parte”, esta semana poderemos fazer o esforço de entrar na igreja e visitar o “Santíssimo”. Tenhamos o cuidado de rezar, com os olhos no sacrário, o “Pai-nosso”, unidos a toda a humanidade. Como alternativa, não sendo possível ir a uma igreja, procuremos retomar a leitura e meditação do texto do Evangelho (Mc 1, 40-45).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Lev 13, 1-2.44-46

Leitura do Livro do Levítico

O Senhor falou a Moisés e a Aarão, dizendo: “Quando um homem tiver na sua pele algum tumor, impigem ou mancha esbranquiçada, que possa transformar-se em chaga de lepra, devem levá-lo ao sacerdote Aarão ou a algum dos sacerdotes, seus filhos. O leproso com a doença declarada usará vestuário andrajoso e o cabelo em desalinho, cobrirá o rosto até ao bigode e gritará: ‘Impuro, impuro!’. Todo o tempo que lhe durar a lepra, deve considerar-se impuro e, sendo impuro, deverá morar à parte, fora do acampamento”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 31 (32)

Refrão: Sois o meu refúgio, Senhor; dai-me a alegria da vossa salvação.

Feliz daquele a quem foi perdoada a culpa e absolvido o pecado.

Feliz o homem a quem o Senhor

não acusa de iniquidade e em cujo espírito não há engano.

Confessei-vos o meu pecado e não escondi a minha culpa.

Disse: Vou confessar ao Senhor a minha falta e logo me perdoastes a culpa do pecado.

Vós sois o meu refúgio, defendei-me dos perigos, fazei que à minha volta só haja hinos de vitória. Alegrai-vos, justos, e regozijai-vos no Senhor, exultai, vós todos os que sois rectos de coração.

LEITURA II 1 Cor 10, 31 – 11, 1

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus. Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à Igreja de Deus. Fazei como eu, que em tudo procuro agradar

a toda a gente, não buscando o próprio interesse, mas o de todos, para que possam salvar-se. Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo.

EVANGELHO Mc 1, 40-45

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, veio ter com Jesus um leproso. Prostrou-se de joelhos e suplicou-Lhe: “Se quiseres, podes curar-me”. Jesus, compadecido, estendeu a mão, tocou-lhe e disse: “Quero: fica limpo”. No mesmo instante o deixou a lepra e ele ficou limpo. Advertindo-o severamente, despediu-o com esta ordem: “Não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua cura o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho”. Ele, porém, logo que partiu, começou a apregoar e a divulgar o que acontecera, e assim, Jesus já não podia entrar abertamente em nenhuma cidade. Ficava fora, em lugares desertos, e vinham ter com Ele de toda a parte.



ARRANJO FLORAL

MATERIAL: Uma porção de areia ou uma serapilheira (fragilidade e os trajes andrajosos do doente de lepra), o círio aceso e circundado por flores brancas (purificação possível em Jesus Cristo) entremeadas por verdes.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** *Sede a rocha do meu refúgio*, (CPD 481)
- **GLÓRIA:** Az. Oliveira (NRMS 50-51)
- **ACLAM. EV.:** M. Carneiro (NRMS 97)
- **A. DONS:** *Senhor, nós Vos oferecemos* (IC 561; NRMS 5-II)
- **COM:** *Apareceu entre nós um grande profeta*, (IC p. 391; NRMS 70)
- **FINAL:** *Cantai comigo*, (CT 175)

REFLEXÃO

Naquela época, a lepra era causa de exclusão (primeira leitura): os leprosos eram rejeitados pela comunidade. Hoje, acontece que, por motivos de higiene ou de profilaxia, certas doenças são também motivo de exclusão, mas é sobretudo a pobreza que gera afastamento em relação à sociedade. A palavra de Deus desperta a nossa indiferença! Apresenta-nos como modelo de fé um leproso curado por Jesus Cristo (evangelho). A palavra de Deus fortalece a nossa confiança (salmo), a nossa fé! Alicerçados em todos os que nos precederam, somos “imitadores” de Paulo (segunda leitura), discípulos de Jesus Cristo, nossa alegria.

“Deverá morar à parte, fora do acampamento”

O livro do Levítico contém uma grande colecção de leis da tradição sacerdotal de Israel. O texto da primeira leitura do sexto Domingo (Ano B) situa-se na terceira parte do livro, designada como “código da pureza ritual” (capítulos 11 a 15), onde são reportadas diversas categorias: animais puros e impuros; purificação da mulher que dá à luz; purificação da lepra; impureza sexual.

A lepra — naquele tempo não correspondia à doença como a conhecemos hoje, mas designava vários tipos de doenças da pele — era, do ponto de vista social, uma doença muito grave; e os sacerdotes tinham a obrigação de declarar impuras as pessoas infectadas, excluindo-as de qualquer tipo de vida comunitária.

O leproso, segundo a cosmovisão reflectida no Levítico, não podia participar no culto a Deus, era colocado à margem — “deverá morar

à parte, fora do acampamento” —, como se fosse um morto. A vida fora do acampamento, aquando da peregrinação pelo deserto, também significava, simbolicamente, a exclusão do ambiente abrangido pela presença protectora de Deus. Hoje, este texto precisa de ser iluminado pelo relato do evangelho e pelas nossas situações vitais.

No nosso contexto mais próximo, a lepra não é uma doença habitual e, além do mais, tem cura. Contudo, continuam a existir homens e mulheres considerados “impuros”, obrigados a “morar à parte”, fora da sociedade!

No tempo de Jesus Cristo, continuava a ser proibido ser tocado ou tocar um leproso. Por isso, quando Jesus Cristo toca o leproso, não só se atreve a um gesto proibido, mas também mostra desacordo em relação à situação de exclusão por parte da sociedade. A Boa Nova de Jesus Cristo supõe recuperar a pessoa em todas as suas dimensões.

Como em outras ocasiões, Jesus Cristo não se fica pelas palavras, mas “vai tocar o intocável. Estende a mão àqueles que é interdito tocar. [...] Prefere incorrer no perigo da contaminação, desejando tocar a ferida do outro; querendo compartilhar, como só o toque compartilha, aquele sofrimento; ajudando a vencer os ostracismo interiorizado por aquela separação forçada. O que é que cura o homem leproso? Cura-o saber-se tocado, e tocado no sentido de encontrado, assumido, aceite, reconhecido, resgatado. Quando toda a distância se vence, o toque de Jesus reconstrói a nossa humanidade” (José Tolentino Mendonça, “A mística do instante”, ed. Paulinas).

ADMONIÇÃO INICIAL

Aceitamos o desafio para estar aqui e agora! Cada um de nós é único e aceitou integrar esta assembleia! Somos a Igreja reunida! Somos o Corpo de Jesus Cristo!

A Palavra continua a alimentar em nós a certeza de que o nosso Deus é salvador! Ele quer que estejamos limpos e sejamos curados!

É importante que nós, como outrora os discípulos do Senhor, O procuremos! Que esta nossa celebração da Eucaristia dominical seja uma verdadeira procura da face do Senhor, o único capaz de nos fazer participar da alegria e da verdade da salvação.

EUCOLOGIA

Orações próprias do VI Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 400)

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos em Cristo: oremos, para que todos os que sofrem descubram, no amor de Deus e nas palavras de Cristo, remédio para os seus males, e peçamos com toda a confiança:

R. Senhor, nosso refúgio, ouvi-nos.

1. Pelas dioceses e paróquias do mundo inteiro, que são sinal de unidade e paz e ajudam as pessoas a caminhar para Deus, oremos, irmãos.

2. Pela nossa Arquidiocese de Braga e pelo nosso Arcebispo D. Jorge, empenhados em redescobrir com entusiasmo os caminhos da “fé vivida”, oremos, irmãos.

3. Pelos fiéis e pelos catecúmenos das nossas paróquias, que buscam o perdão das suas fraquezas, o alívio dos seus temores e o fortalecimento da coragem, oremos, irmãos.

4. Pelos funcionários públicos, que trabalham com profissionalismo pelo bem comum e atendem toda a gente com respeito e delicadeza, oremos, irmãos.

5. Pelos doentes que mais sofrem e que procuram alívio na misericórdia de Cristo e na dedicação dos que os tratam e assistem, oremos, irmãos.

6. Pelos fiéis da nossa comunidade (paroquial), que não buscam apenas o próprio interesse, mas procuram sempre o bem material e espiritual de todos, oremos, irmãos.

Senhor, nosso Deus, que, para curar e salvar o mundo, lhe destes o vosso Filho muito amado, ajudai-nos a ver n’Ele o nosso modelo e a pôr-nos ao serviço uns dos outros. Por Cristo, nosso Senhor.

LITURGIA EUCARÍSTICA

Oração Eucarística V/D, com prefácio próprio (*Missal Romano*, pp. 1175ss).



MENSAGEM PARA O DIA DOS NAMORADOS



A Comissão Episcopal do Laicado e Família publicou uma “Mensagem para o dia dos Namorados”, que se comemora depois de amanhã, dia 14 de Fevereiro.

Na mensagem, a Comissão aponta a importância da preparação devida e antecipada do sacramento do matrimónio, realçando que é necessário que ele se revista de maturidade humana e cristã comprovadas.

Sem ficar alheia aos desafios que os jovens experienciam hoje em dia e apontando a precariedade de empregos e de incentivos à

celebração do matrimónio como exemplos, a Comissão garante um empenho constante na defesa do direito à constituição de família. Para que todas estas condições se encontrem reunidas, incentiva ao apoio sócio-pastoral da Igreja a todos os que desejarem celebrar e viver a vocação matrimonial, mesmo que em situação económica desfavorecida ou em crise.

A Comissão Episcopal do Laicado e Família realça ainda que a celebração do matrimónio não tem, necessariamente, que implicar pesados e dispendiosos custos.

PARTILHA QUARESMA JÁ TEM DESTINO

À semelhança do que tem acontecido nos outros anos, a Renúncia ou Partilha Quaresmal tem duas finalidades: uma diocesana e outra internacional.

O “Fundo Partilhar com Esperança” foi uma das acções escolhidas. De 2011 a 2014, o fundo doou mais de 200 mil euros a um total de 726 famílias. Os agregados familiares foram apoiados de várias formas, seja no pagamento de rendas, água e luz ou na aquisição de medicamentos. Mais de 2000 pessoas usufruíram do fundo no

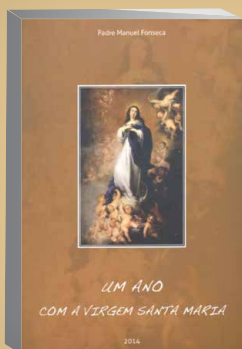
passado triénio.

A Diocese de Pemba também usufruirá do contributo penitencial deste ano. Recorde-se que foi assinado no dia 27 de Outubro de 2014 um acordo de cooperação missionária entre a Arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba, em Moçambique.

Nesta Quaresma também partirá a primeira missão de Braga até Pemba, constituída por um sacerdote, uma enfermeira, uma assistente social e uma investigadora na área da cooperação para o desenvolvimento.



LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



MANUEL FONSECA

UM ANO COM A VIRGEM SANTA MARIA

O livro “Um Ano Com A Virgem Santa Maria” é um diário com o percurso de 365 dias, em que a figura central é a Virgem Santa Maria. A obra é composta por textos simples, claros, sob a forma poética, formal ou não, em que o sujeito poético se dirige à Virgem Maria para a invocar, louvar ou exaltar. Ressalta nos textos a vivência espiritual de alguém que vive o seu dia-a-dia com as circunstâncias ou factos fáceis ou difíceis, esperançosos ou normais, sob o olhar maternal de Maria, Mãe do Divino Salvador e Mãe celeste de todos os homens.

AGENDA

13.02.2015

OLHARES SOBRE A ECONOMIA

21h00 / Auditório Vita

CONSERVATÓRIO CALOUSTE GULBENKIAN: “THE LITTLE PRINCE(S)”

21h30 / Theatro Circo

15.02.2015

CONCERTO DE CARNAVAL “UKELELE NO MUSEU”

15h00 / Museu D. Diogo de Sousa

18.02.2015

INÍCIO DA QUARESMA: CINZAS



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Cônego Fernando Monteiro e Fernando Correia, da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira

Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Joana Araújo), Flávia Barbosa

Design: Romão Figueiredo

Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho

Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt